

RESPONSABILIDADE SOCIAL



MARINA MUGNOL/ESPECIAL/JC

Fábrica de chocolates ensina estudantes a produzir bombons, trufas, alfajores e pães de mel

# Apae de Porto Alegre aposta na autonomia dos estudantes

**Venda de doces ajuda a adquirir recursos para manutenção da unidade Nazareth**

**Marina Mugnol**  
marinam@jcrs.com.br

Fazer com que os alunos desenvolvam autonomia e aprendam a realizar tarefas cotidianas é um dos principais desafios da educação inclusiva. Na sede da Unidade Nazareth, da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae de Porto Alegre), esse objetivo ganha forma e sabor por meio do chocolate. Semanalmente, os estudantes participam de uma oficina de produção de doces em que aprendem, na prática, habilidades que contribuem para a independência no dia a dia.

Localizada no bairro Glória, a unidade é referência no atendimento a crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual, múltipla e Transtorno do Espectro Autista (TEA) e atende atualmente 401 pessoas, desde a estimulação precoce até a terceira idade, oferecendo suporte nas áreas de saúde, educação e assistência social.

Liderada pela pedagoga e técnica em nutrição Tatiana Veleza, a oficina de chocolate integra o pilar da assistência so-

cial e os produtos são comercializados, com a renda revertida em melhorias e manutenção da unidade.

Após oito anos desativada, a fábrica, que leva o nome da patrona da Apae de Porto Alegre, Elcira Bernardi, foi reaberta em julho do ano passado. No espaço equipado para a produção dos doces, os alunos aprendem não só as diferentes etapas de preparo de bombons, trufas, alfajores e pães de mel, mas atividades cotidianas simples como a importância da higiene.

“Nosso objetivo é potencializar a autonomia nas tarefas diárias. Aqui, eles aprendem todo o processo de produção, desde derreter o chocolate até embalar o produto. Alguns conseguem fazer certas atividades e outros não, e nós respeitamos as habilidades de cada um”, salienta Tatiana.

Segundo a professora, os resultados são visíveis. “Há alunos que não sabiam usar o micro-ondas e passaram a aprender. As mães relatam que muitos começaram a ajudar em casa após participarem da oficina. É um processo, e vemos muita evolução. Ao desenvolverem essas habilidades, muitos podem se habilitar para, futuramente, ingressar no mercado de trabalho.”

Os produtos podem ser adquiridos na própria sede da ins-

tituição e também em eventos externos e pontuais. A unidade também aceita encomendas personalizadas. “Produzimos conforme a necessidade do cliente, seja para aniversários ou outros eventos, com embalagens específicas e personalizadas”, explica Tatiana.

Além da oficina de chocolate, a unidade também oferece diversas outras atividades voltadas ao desenvolvimento de habilidades e autonomia. Entre elas estão oficinas de marcenaria, produção de biscoitos, esportes, banda e teatro. “Na marcenaria, eles produzem itens como porta-chaves e casinhas de madeira. Já na oficina de culinária, fazem biscoitos amanteigados que também são vendidos. Temos ainda atividades esportivas, que possibilitam que os alunos participem de competições externas e apresentações culturais com a banda e o teatro”, conta.

As oficinas são realizadas no contraturno escolar. Alunos que estudam ou trabalham em outras instituições participam em horários alternativos. “A escolha das atividades pode ser orientada por profissionais da Assistência Social ou Psicologia, de acordo com o perfil de cada participante, ou feita por interesse próprio”, complementa a pedagoga.

## Captação de doações é um desafio constante

Mesmo após 60 anos de atuação comprometida com a inclusão e o desenvolvimento humano, a captação de recursos segue como um dos principais desafios da Apae de Porto Alegre, explica a diretora da unidade, Silvana Severo. A associação conta com uma central de doações formada por uma equipe de seis pessoas responsáveis por entrar em contato com a comunidade da Capital e divulgar o trabalho realizado na escola. “Essas doações são fundamentais porque, mesmo tendo convênios, os custos dos atendimentos são maiores do que os valores repassados”, explica Daniela Borges, supervisora da central de doações.

Apesar de a instituição contar com um número expressivo de doadores fidelizados, Daniela aponta um desafio geracional. “A maioria dos nossos doadores tem mais de 40 anos. Percebemos que os jovens doam menos e, quando doam, geralmente é por impulso. Por isso, estamos buscando estratégias para aproximar esse público da causa”, afirma.

Daniela destaca ainda a importância de diversificar as fontes de recursos. “Embora o trabalho com pessoas físicas seja essencial para manter uma base de doadores, as contribuições de empresas são muito importantes, pois costumam envolver valores maiores, que muitas vezes viabilizam demandas específicas da instituição”, conclui.

### ACESSO AMPLIADO

O Pilar da Saúde passou a

contar, desde o dia 1º de abril, com um novo serviço voltado ao atendimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A unidade agora abriga um Centro de Atendimento em Saúde (CAS) vinculado ao programa TEAcolhe, ampliando o acesso a cuidados especializados em Porto Alegre.

Vinculado e pactuado com o Sistema Único de Saúde (SUS), o programa oferece atendimento a pessoas com autismo em todas as fases da vida — do mais jovem atendido, com 11 dias, ao mais velho, de 80 anos. Segundo Bárbara de Souza, terapeuta de intervenção precoce e coordenadora do CAS TEAcolhe na unidade Nazareth, o serviço é multiprofissional e busca promover qualidade de vida e desenvolvimento aos usuários. Entre os atendimentos oferecidos estão fisioterapia, fonoaudiologia, psicoterapia, terapia ocupacional e intervenção precoce.

Além do programa TEAcolhe, a unidade também oferece um serviço específico de estimulação voltado para bebês desde os primeiros dias de vida. De acordo com Bárbara, essa estimulação atua em diversas áreas do desenvolvimento, como cognição, motricidade, linguagem e interação social. “Também trabalhamos com as rotinas da família, orientando sobre posicionamento e estímulos adequados. Isso faz toda a diferença para o desenvolvimento do bebê”, explica.



MARINA MUGNOL/ESPECIAL/JC

Embalagens de cores diferentes auxiliam na memorização de padrões